

Memória, identidade e género no seio de uma comunidade operária*



Sónia Ferreira

ISCTE/IUL - CRIA - Centro em Rede de Investigação em Antropologia, Universidad Nova de Lisboa, Portugal

Resumen

En este artículo me propongo a discutir el caso de estudio de una comunidad obrera y los retos metodológicos que encontré con la recogida de testimonios orales de mujeres en este contexto. El estudio se centró en el análisis de los comportamientos y estrategias de resistencia de un grupo de mujeres obreras de la ciudad de Almada, durante el régimen dictatorial del Estado Novo (1926-1974) en Portugal.

Palabras clave

*Historia Oral
Mujeres
Resistencia
Memoria*

Abstract

This paper reports the case-study of a working-class community and the methodological challenges that I had to deal with the process of recollecting feminine oral testimonies about strategies of resistance conducted by working women of the village of Almada, during the dictatorship period of Estado Novo in Portugal (1926-1974).

Key words

*Oral History
Women
Resistance
Memory*

Memória e Género – como estudá-los?

O trabalho da memória cria e recria o passado de forma complexa e por vezes contraditória. Encontrando-se associado a um processo de reconstrução, nada é recordado sem ser reconstruído e sem ser evocado a partir do presente, resultando o acto de recordar de uma reflexão, que é tanto individual como colectiva, dependendo da partilha de valores e sentimentos comuns a um grupo. A nossa memória e o processo de rememoração a ela associado possuem uma natureza social, onde se parte do presente para o passado que antes de ser revivido é reconstruído a partir dos nossos actuais quadros de entendimento, partilhados com o grupo ou grupos em que socializamos e nos inserimos e que Halbwachs¹ intitulou de “quadros sociais da memória” (*cadres sociaux de la mémoire*)².

1. Halbwachs, Maurice (1925) (1994) *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*, Paris, Albin Michel.

2. Destas categorias fazem parte tanto o Tempo como o Espaço, que se apresentam não como categorias imutáveis mas acima de tudo estáveis e dominantes.

* Uma versão deste texto foi publicada em Godinho, P. (coord) *Usos da Memória e Práticas do Património*, Lisboa, Colibri, pp. 119-132.

A própria ideia do que é a memória, como a caracterizamos, a pensamos e lhe atribuímos um lugar social, constitui por si um objecto de análise relevante que se tem transformado ao longo do tempo e tem construído a sua própria história. História essa que nas sociedades ocidentais nos revela que a memória como fonte de conhecimento, principalmente na sua forma de evocação e transmissão pela oralidade, foi desvalorizada fortemente no penúltimo século (XIX) em detrimento de um paradigma textual que afirmou a sua hegemonia ao longo dos séculos subsequentes, recuando o conhecimento informal, subjectivo e transmitido oralmente do foro público para o privado. Processo no qual, como destacam Fentress e Wickham³, a alfabetização teve um papel extremamente relevante

3. Fentress, J. & Wickham, C. (1992) *Memória Social*, Lisboa, Teorema.

a alfabetização influencia a maneira como o conhecimento é articulado. Uma vez textualizado, o conhecimento tende a evoluir de uma forma tipicamente textual – forma essa com poucas semelhanças com a forma como o conhecimento evoluiu no pensamento e no discurso.⁴

4. Idem 24.

No interior das sociedades industriais e urbanas passamos assim a encontrar uma clara oposição entre escrito/formal/objectivo e oral/informal/subjectivo, na forma como os grupos sociais gerem os seus actos de comunicação e a transmissão e fixação do conhecimento. No decorrer do século XX em Portugal, em bairros operários que se caracterizam por agrupar populações fracamente alfabetizadas e em grande parte oriundas de comunidades rurais, a oralidade continuou contudo a desempenhar um papel fortíssimo na forma como os indivíduos mantinham redes de sociabilidade e construíam uma identidade e memória grupal.

Quando falamos em colectivo ou grupal, referimo-nos a memórias que se constituem em torno de uma sociedade ou de um grupo, com as inerentes questões de escala e circunscrição que remetem para memórias de maior ou menor abrangência, parcelares ou grupais, que existem em simultâneo, em sobreposição ou mesmo em oposição numa mesma sociedade. Considerando-se nesse sentido indispensável discutir as especificidades apresentadas em torno de memórias particulares, nomeadamente, como será objecto do presente texto, memórias profissionais como as dos grupos operários, nas suas diversas particularidades, que aqui serão analisadas a partir da variante classe/poder e género. Ou seja, como recordam as mulheres operárias?

A relação entre os processos de construção da memória e a sua possível diferenciação em termos de género mantem-se, em termos académicos, como uma discussão em aberto, apesar de alguns autores terem desenvolvido linhas de investigação em que exploram essa discussão teórica, como os editores da colectânea *Gender and Memory*⁵. Nesta obra, estes começam por justificar a conexão teórica entre memória e género remetendo-a para um generalizado sentimento de senso comum, no qual os indivíduos assumem com frequência que existem diferenças na forma como os homens e as mulheres recordam, o que surge a partir de experiências directas e subjectivas do quotidiano. Não é contudo possível nem desejável generalizar este tipo de afirmações, pois as experiências de vida de homens e mulheres em inúmeros e diferenciados contextos são diversas nas suas várias configurações históricas. Este sentimento generalizado de senso comum não deixa contudo de incitar o questionamento: recordarão de facto as mulheres e os homens de forma diferente? Não sendo uma variável de pendor universal, nascerá de estrangimentos culturais? Leydesdorff, Passerini e Thompson acautelam concepções universalistas, remetendo para os contextos históricos e culturais: “It is thus extremely important to avoid giving the impression that distinctions between the masculine and the feminine in one place at one time represent transcultural essential gender differences.”⁶ – pois num mesmo contexto cultural os comportamentos de género não são homogéneos nem imutáveis.

5. Leydesdorff, Selma; Passerini, Luisa & Thompson, Paul (1996) *Gender and Memory*, International Yearbook of Oral History and Life Stories, vol. IV, New York, Oxford University Press.

6. Idem 1.

Este interesse das Ciências Sociais pelas memórias e vivências no feminino não se encontra também desligado do programa académico das primeiras historiadoras feministas que acalentavam o projecto político de devolver a voz às mulheres, conferindo visibilidade académica e política às suas experiências de vida. A inter-ligação entre História Oral e Estudos Feministas é aliás bastante interessante, já que ambos os movimentos partilham um objectivo similar, enfrentando mutuamente problemas de conceptualização do mesmo. Nos anos 70 tanto os historiadores orais como as académicas feministas procuravam resgatar uma história escondida, preconizada pelos grupos subordinados, onde se inseriam as mulheres, dando ao mundo uma nova história, escrita a partir de baixo e que devolvia a voz a grupos tradicionalmente remetidos ao silêncio e à opacidade por parte dos registos formais. A partir da década de 90, no entanto, esta partilha de intenções complexifica-se. Acompanhando o movimento pós-moderno das Ciências Sociais, estas abordagens desafiam o estatuto da objectividade científica, focando-se os estudos feministas nas questões de poder inerentes ao próprio processo de investigação. Dá-se concomitantemente uma inversão no papel que os relatos orais, subjectivos e voláteis tinham enquanto fontes primárias e a sua subjectividade deixará de ser considerada uma fraqueza, adquirindo um estatuto sólido e valorizado que conferirá igualmente pertinência acrescida aos estudos sobre a memória.

Simultaneamente, o objecto principal destas abordagens é revisto e complexificado, já que o exclusivo centramento no estudo dos grupos subordinados, obvia uma leitura mais abrangente dos processos de subordinação, procedendo-se a uma reavaliação de teorias e métodos onde têm sido implicados os estudos sobre a memória. Assim, divididos entre novas conceptualizações teóricas e recolhas empíricas, os investigadores tem debatido as potencialidades de relacionamento entre ambas as esferas. Alguns autores criticando a existência de trabalhos mais centrados num ou noutro domínio, defendendo antes as abordagens que reúnam propostas teóricas e material empírico numa mesma investigação⁷. Na actualidade, a expansão transdisciplinar dos estudos sobre a memória tem levantado também dúvidas e interrogações que temem um esvaziamento do conceito neste seu processo de desterritorialização disciplinar⁸.

Apesar da multiplicidade de abordagens e apropriações conceptuais muitas questões continuam a aguardar investigações exaustivas, que discutam e estabeleçam pontes de entendimento entre a análise da memória individual e colectiva e outras áreas de investigação, nomeadamente os estudos de gênero. Alguns autores⁹ destacam questões como as que incidem sobre os mecanismos de poder que perpetuam, na relação entre homens e mulheres, algumas memórias em detrimento de outras, propondo análises das memórias que suportam as estruturas hegemónicas de poder, como as que correm nos interstícios do tecido social, na porosidade fronteiriça do público e do privado.

Outros autores a partir da questão: “*Poderá a consciência histórica de uma mulher identificar-se diferentemente?*”¹⁰ - chamam a atenção para a diversidade objectiva da experiência feminina nas diversas sociedades humanas; e também para questões de pendor mais biológica: “em que medida a consciência separada das mulheres depende da diversidade de uma experiência diferente da dos homens e não de algo de inato ao seu gênero.” (Ibidem). Nesta discussão sobre a natureza específica da percepção feminina do passado, destacam-se o trabalho de Bertaux-Wiame¹¹ em Paris, de Passerini¹² sobre a classe operária de Turim e de Bravo¹³ sobre as mulheres camponesas do Piemonte italiano durante a I Guerra Mundial, salientando estas investigações que, tal como referem Fentress e Wickham, uma das questões fundamentais “de quem quiser identificar uma visão nitidamente feminina do passado” parece ser a da hegemonia que se encontra expressa na relação entre gêneros em muitas sociedades. Estes autores comparam essa relação hierárquica à que se estabelece em muitas

7. Idem 6.

8. Numa conferência intitulada “Memory from Transdisciplinary Perspectives: Agency, Practices, and Mediations” (Estonia - Universidade de Tartu - 11 a 14 de Janeiro de 2007), alguns oradores destacaram a importância desta reflexão em torno do percurso transdisciplinar da memória enquanto conceito.

9. Idem 8.

10. Fentress e Wickham, op. cit., 168

11. Bertaux-Wiame, Isabelle (1982) “The life-history approach to the study of internal migration”. P. Thompson (ed), *Our Common History*, London, 186-200. Bertaux-Wiame, Isabelle (1985) “Jours paisibles à Sèvres”, *Life Stories / Récits de Vie*, vol 1:16-28.12. Passerini, Luisa (1987) *Fascism in Popular Memory: The Cultural Experience of the Turin Working Class*, Cambridge, Cambridge University Press.13. Bravo, Anna (1982) “Italian peasant women and the First World War”. P. Thompson (ed), *Our Common History*, London, 157-170. Bravo, Anna (1982b) “Solidarity and loneliness: Piedmontese peasant women at the turn of the century”, *International Journal of Oral History*, vol III, part 2: 76-91.

14. É preciso contudo não esquecer que em muitas sociedades industriais a entrada no mundo do trabalho fabril se dá em fases bastante precoces da infância e pré-adolescência.

15. Yaguello, Marina (1978) (1992) *Les Mots et les Femmes. Essai d'approche socio-linguistique de la condition féminine*, Paris, Éditions Payot.

16. Ely, Richard & McCabe, Allyssa (1996) "Gender Differences in Memories for Speech". S. Leydesdorff, L. Passerini & P. Thompson (eds), *Gender and Memory*, International Yearbook of Oral History and Life Stories, vol. IV, New York, Oxford University Press, 17-30.

17. Bertaux-Wiame cit em Samuel, Raphael & Thompson, Paul (1990) *The Myths We Live By*, London & New York, Routledge, p. 7.

comunidades industriais entre a classe operária e os patrões ou classes dirigentes, sendo que neste caso a dominação se impõe a partir de dentro, constituindo parte fundamental do processo de socialização primário e não em fases mais tardias da inserção social¹⁴.

Mais recentemente, nas últimas décadas, alguns sócio-linguistas, como Yaguello¹⁵, têm conferido uma atenção sistematizada às diferenças de género lidas através da linguagem. E alguns autores começam já a analisar a produção discursiva como forma de discernir uma possível relação entre género e memória. Nessa perspectiva, Ely e McCabe¹⁶ concluem, por exemplo, que as mulheres utilizam muito mais o discurso indirecto do que os homens, o que revela diferenças fundamentais na forma como ambos os géneros vivem e recordam as suas experiências. Atribuem ainda às mulheres um papel primordial na construção da memória colectiva, já que estas enchem as histórias que contam com as vozes directas das pessoas envolvidas, construindo narrativas imbuídas de características dramáticas, em que os seus ouvintes se tornam audiência. Os autores concluem assim que as diferenças na utilização da linguagem por parte de homens e mulheres, remetem para um processo de socialização que concebe mulheres que olham a comunicação como uma actividade cooperativa e homens que a apropriam como uma actividade competitiva. Bertaux-Wiame chama igualmente a atenção para a linguagem e a forma como esta pode espelhar aceções inconscientes: "*how women are more likely to as "we" or "one", and of relationships or groups, while men use the active "I" and present themselves as the decision-makers*"¹⁷.

A partir das propostas académicas atrás enunciadas poder-se-á resumir que apesar da ausência de uma corrente de investigação amadurecida e consistente se pode avançar com algumas considerações finais. Em primeiro lugar, a consensual aceção de que acauteladas as devidas diferenças culturais e de contexto existem formas diferenciadas de memória com base no género que são, em grande parte, fruto do próprio processo de socialização, não descurando as potenciais diferenças de pendor físico ou neurológico. Em segundo, que as mulheres recordam mais vivamente determinados acontecimentos, geralmente ligados ao domínio do privado e de âmbito pessoal, produzindo uma visão aparentemente mais subjectiva e paroquial, o que se prende com as próprias relações estatutárias, de poder, inerentes a qualquer estrutura social. Por último, no domínio da linguagem, existem contributos que nos oferecem uma perspectiva interessante já que ao analisarem a produção discursiva em termos de memória estão a olhar um instrumento privilegiado, por um lado de evocação e por outro de transmissão da mesma. Nesse sentido, a análise da linguagem como instrumento ao serviço da "memória", constitui uma área de investigação prometedora.

As mulheres operárias de Almada e a construção feminina do passado

No concelho de Almada, sobre o período correspondente à Segunda Guerra Mundial, um conjunto de mulheres operárias cujos discursos memorabilísticos foram analisados¹⁸, revelam a construção de uma memória profissional e familiar fortemente imbricadas uma na outra; e simultaneamente um processo de mitificação do passado fabril que visa manter e reproduzir uma determinada imagem-memória da identidade operária, das suas redes socioprofissionais e dos eventos significativos para a sua construção e manutenção enquanto grupo.

As recordações destas mulheres assentam, em primeiro lugar, numa memória construída em cima da rememoração sobre a experiência laboral porque a partir do momento em que entram para a fábrica e se tornam operárias, adquirem ritmos quotidianos totalmente determinados pelos horários da produção fabril. Esta situação é particularmente relevante no contexto analisado pois era comum existirem vários membros

18. A investigação referida foi realizada no âmbito da minha tese de doutoramento que foi posteriormente publicada: Ferreira, Sónia (2010) *A Fábrica e a Rua. Resistência Operária em Almada*, Castro Verde, Ed. 100 Luz.

do agregado familiar a trabalhar ou na mesma fábrica ou na mesma indústria, o que determina de forma contundente não só a gestão do tempo individual de cada um como a própria gestão quotidiana da vida familiar, como relata um entrevistado:

O único que não trabalhou na cortiça fui eu e o meu pai. Os meus três irmãos, duas mulheres e um homem e a minha mãe trabalharam ali. O meu avô trabalhou ali, os meus tios trabalharam ali. Havia um aglomerado de pessoas que pertenciam, eram famílias inteiras, era muito difícil haver uma só pessoa de uma família. Havia famílias inteiras. (MA).

Num contexto que apresenta uma forte endogamia de classe, num espaço físico geograficamente circunscrito, a fábrica, porque ligada à família e às redes sociais mais próximas, vai assumir centralidade no processo de rememoração, onde a própria entrada ou saída do estabelecimento constitui frequentemente uma data bem recordada do ciclo de vida: *“No Rank, com treze anos, 1930. Quando comecei. E lembro-me que foi a 5 de Outubro, veja lá, eu tenho quase oitenta e seis anos.”*. (RG)

As descrições não se centram contudo exclusivamente no mundo laboral, já que este se encontra intrinsecamente ligado à família e penetra de forma contundente no espaço privado da casa e das sociabilidades que em torno desta se geram, imbrincando-se num processo de rememoração que é frequentemente atribuído de forma hegemónica ao domínio do feminino - a casa, a família, a parentalidade e as práticas a si associadas.

Na descrição da *“memória longa”* em Minot, Françoise Zonabend¹⁹ destaca precisamente a importância que os rituais ligados aos ciclos de vida, principalmente os associados à família, assumem como organizadores do passado, instituindo-se a genealogia como um discurso sobre o tempo, onde as memórias familiares constituem *“a utensilagem mental que o indivíduo e o grupo utilizam para tecer o seu próprio tempo”*²⁰. Fentress e Wickham destacam igualmente a importância da componente doméstica no processo de rememoração feminino, em particular a forma como as mulheres são mais rigorosas na datação da história da família, tanto dos momentos de comemoracionismo como dos quotidianos, o que se prende com o facto de num grande número de sociedades humanas estas comandarem os momentos-chave do ciclo de vida familiar, nomeadamente os associados ao nascimento e à morte, evocando nesse sentido um domínio da vida sobre o qual detêm maior responsabilidade, assegurando igualmente a sua reprodução e *“a responsabilidade de encapsular (purificar, moralizar) os registos da experiência passada para as crianças, como parte do processo de sociabilização”*.

Na memória da família, a evocação estrutura-se entre referências de carácter familiar e marcadores rituais, como o casamento ou o nascimento e aniversário de um filho. E a aquisição ou alteração de estatuto ou papel social são assim bastante significativos, constituindo marcadores de relevo no processo de rememoração e de construção biográfica. Servindo igualmente não apenas de balizas temporais mas de caracterizadores sociais, já que determinados comportamentos são demarcados temporalmente de uma certa forma porque só poderiam ocorrer se o indivíduo *“ainda fosse solteiro”*, *“já fosse casado”* ou *“já tivesse ou não filhos”*.

Nos relatos das operárias de Almada, a memória familiar é assim estruturante na construção e organização do relato biográfico, no entanto, a memória do trabalho não se aparta desta. Isto deve-se ao facto de, como atrás assinalado, a ocupação laboral assumir grande centralidade junto das comunidades operárias, considerando mesmo alguns autores que estas tendem a construir uma *“percepção do tempo criada pelas temporalidades do emprego”* e portanto intimamente *“associada a uma percepção do espaço com base na fábrica”*. Halbwachs tinha já enunciado este modelo de uma memória

19. Zonabend, Françoise (1980) *La Mémoire Longue*, Paris, Puf.

20. Zonabend, F. (1991) *“A Memória Familiar. Do individual ao colectivo”*, Sociologia – Problemas e Práticas, nº 9, pp. 179-190.

21. Fentress & Wickham, 149.

operária com base no espaço fabril, memória essa que Fentress e Wickham acentuam como sendo apurada na evocação de datações concretas, ou seja, “*criada por memórias em geral exactas das datas de acesso e abandono de uma ocupação, que muitas vezes especificam até o dia.*”²¹, como foi igualmente exemplificado no relato acima transcrito.

22. No caso da indústria da cortiça a tarefa mais comumente realizada em casa pelos operários era o “nicar rolha” que consiste em retirar impurezas da cortiça das rolhas. Na indústria pesqueira é o consertar redes de pesca.

23. Thompson, Paul (1988) *The Voice of the Past*, Oxford, Oxford University Press, p. 258.

As mulheres operárias analisadas parecem assim apresentar contornos específicos de rememoração, já que a operacionalização de uma memória que demarque claramente o espaço do trabalho e do não trabalho não se concretiza, pois a vida quotidiana insinua-se e conquista o espaço de trabalho, tanto no dia-a-dia como nos próprios momentos de reivindicação, assim como a ocupação laboral se imiscui fortemente no espaço privado da casa e da família. A consciência de serem operárias imbrica-se na consciência de serem mulheres, esposas e mães, sendo que esta situação advém, em grande parte, do facto de, neste universo feminino, o trabalho fabril remunerado e o trabalho doméstico serem realizados frequentemente de forma coincidente, num aproveitamento exaustivo do tempo. A hora do almoço não constitui, por exemplo, um momento de descanso ou de lazer sendo aproveitada para a realização de tarefas domésticas como ir à praça ou lavar roupa, sendo esta última frequentemente estendida de forma semiclandestina no espaço da fábrica. Ao serão, em família, realiza-se trabalho fabril por empreitada²², onde as próprias crianças participam, iniciando-se no universo laboral que as rodeia e contribuindo para a subsistência familiar.

Esta situação de porosidade extrema entre universos vivenciais presente em contextos operários femininos, deve ser analisada tal como se apresenta, de forma una e não artificialmente espartilhada, pois como adverte Thompson²³ não lhes devemos aplicar os modelos de investigação que, baseando-se exclusivamente no modelo de vivência masculina, procedem a um entendimento entre o mundo do trabalho e o mundo da casa que torna obscuro um entendimento adequado da consciência de classe e da construção da memória das mulheres operárias. Namer, por exemplo, chama especificamente a atenção para as diferentes formas de recordar entre homens e mulheres operários: “*l’histoire de vie des femmes ouvrières et employées est originale par rapport à l’histoire de vie des hommes*”²⁴.

24. Namer, Gérard (1987) *Mémoire et Société*, Paris, Meridiens Klincksieck.

No contexto analisado, os próprios discursos masculinos revelam a percepção da diferença na forma como o tempo é apropriado por homens e mulheres, assinando particularismos de género nas vivências quotidianas do mundo do trabalho, acentuando-se essencialmente a condição de exploração e miséria, e a necessidade constante de articulação, por parte das mulheres, entre o trabalho na fábrica e a assistência familiar.

As mulheres travavam uma luta muito grande aqui nesta zona (...), toda esta zona ribeirinha, Barreiro, Montijo, por aí fora. Vinham a correr da fábrica, tinham filhos pequenos em casa, vinham da fábrica dar qualquer coisa de comer aos filhos, lá voltavam novamente a correr para a fábrica para estarem lá a horas. Saíam da fábrica iam novamente a correr para irem lavar roupa, era uma luta tremenda. (JCO)

Este discurso reveste-se de uma forte componente ideológica, manifesta de forma declarada na evocação da “luta das mulheres”, mas igualmente visível na valoração extraordinária de comportamentos comuns e normativos na época evocada. Esta apreciação é assim claramente ubíqua, já que produz uma reavaliação do passado à luz de categorias de registo e apreciação posteriores que procuram assinalar uma época onde a vida era mais difícil e a exploração e a miséria mais acentuada, mas não deixa de evocar uma realidade que corrobora os discursos femininos e assinala a memória colectiva que a comunidade actualmente partilha e relembra sobre os quotidianos fabris.

Na actualidade encontra-se também, junto das mulheres, bastantes discursos de apreciação e análise da realidade actual que conduzem directamente para o passado, para a memória da fábrica, onde se compara, por exemplo, matérias-primas e processos de fabrico. Encontramo-nos perante uma cosmovisão profissional própria, quando deparamos com uma operária conserveira, afastada da produção fabril há mais de vinte anos, que descreve minuciosamente o processo de tratar e condimentar o peixe que consome em casa, estabelecendo paralelismos constantes com o trabalho da fábrica e fazendo igualmente apreciações sobre a qualidade das actuais conservas de peixe. As operárias corticeiras descrevem a má qualidade das rolhas no presente, exemplificando com rolhas com que se deparam no dia-a-dia, fazendo observações minuciosas às suas boas ou más características. Esta valorização de um conhecimento técnico particular é deveras importante já que, como no caso das corticeiras, “(...) a rolha é o produto identitário da profissão de corticeiro (...) a produção rolheira é aquela que no imaginário corticeiro sintetiza o saber fazer da profissão.”²⁵, saber esse que se pretende constantemente reafirmar e valorizar, mesmo que se esteja afastado da sua prática formal, na fábrica. Os conhecimentos adquiridos pela experiência laboral, continuam assim a fazer parte do quotidiano destas mulheres, influenciando a sua acção e pensamento presente e conferindo legitimidade crítica sobre a actualidade em detrimento de um passado onde “se sabia fazer” e a qualidade, perfeição e empenho imperavam. O processo de rememoração adquire também uma componente gestual muito importante já que se procura transmitir pelo gesto processos técnicos e caracterizações espaciais, utilizando-se para esse efeito todo o corpo e não apenas a voz.

A importância que o trabalho adquire no processo de rememoração advém igualmente da centralidade que este assume na vida das classes operárias, pois, como adverte Prost²⁶ a ideia de que possam existir outras actividades, legítimas e valorizadas, no seio da vida operária é essencialmente uma ideia da modernidade. O ócio e a vida privada são apanágio das classes altas ainda no início do século XX, definindo-se as classes populares pelo trabalho, vertente à qual se submetiam todas as outras dimensões da sua existência.

Simultaneamente, este processo de rememoração do passado é pautado por discursos de mitificação em torno da experiência do trabalho fabril. As ideias mais recorrentes são as de anulação da conflitualidade, tanto relativamente aos colegas como à comunidade envolvente, visível em discursos que exaltam o convívio, a amizade e a harmonia colectiva: “naquele tempo parece que era tudo gente amiga, davam-se todos muito bem, não havia zangas, não havia nada.” (EA). No âmbito da própria fábrica, destaca-se uma visão harmoniosa das relações laborais e hierárquicas: “nunca tive problemas com os patrões, nunca me ralharam, nem coisa nenhuma. (...) Eram muito simpáticos mesmo, muito simpáticos.” (CR). Em alguns casos, de forma mais radical, anulam-se os momentos reivindicativos de maior destaque, produzindo-se uma contradição memorabilística, sobre a biografia individual mas igualmente colectiva: “naquela altura ninguém fazia greves.” (BR).

Na produção deste discurso memorabilístico, encontramos assim um universo onde retrospectivamente se alternam descrições que exaltam as precárias condições de vida em termos económicos e a subordinação hierárquica no local de trabalho, com lembranças que enfatizam o carácter harmónico da vida em comunidade, destituindo de conflito muitas situações caracterizadas paralelamente de forma inversa. Encontrando-nos assim perante um processo de rememoração, individual e colectiva, que constrói e reproduz narrativamente um passado mítico onde a comunidade é idealizada, sendo que esta lembrança incide tanto sobre o ambiente de trabalho como sobre a comunidade de trabalhadores.

Sobre locais e situações descritas paralelamente como de miséria, exploração e subordinação, podem-se encontrar significações alternativas. Ou seja, as mesmas operárias que descreviam as terríveis condições laborais, reportam em simultâneo:

25. AAVV (2000) *Memória e Identidades Profissionais. Reprodução de Sistemas Sócio-Técnicos*, Relatório final de projecto PRAXIS / PCSH / ANT / 0044 / 96, Lisboa, UNL - FCSH. (policopiado), p. 42.

26. Prost, A. (1991) “Fronteiras e Espaços do Privado” em P. Ariés e G. Duby (dirs) *História da Vida Privada*, vol. 5. Porto: Afrontamento, pp. 33-34.

27. A entrevistada era es-
colhedora de rolha.

Eu gostava porque aquilo²⁷ dava para fazer e sonhar. Na ideia eu sonhava, no silêncio daquele trabalho. (ST)

Eu cá tenho dito tanta vez, aquilo ardeu, mas se eles restaurassem aquilo tudo eu não me importava de ir para a fábrica que era a minha alegria ir para a fábrica. Era pesado, mas aquilo até era bom. (EL)

Este processo constituiu-se, no entanto, de forma mais persistente relativamente à exaltação da comunidade envolvente. A união, a fraternidade, a amizade são valores que remetem para o passado em oposição a um presente “falso”, “artificial” e “desumanizado”. No espaço mítico do “antigamente”, “era tudo muito amigo” (CR), “era tudo uma família” (EA), “era tudo uma lealdade pegada” (AA), “havia muita camaradagem” (EG). O saudosismo, mais do que um processo de embelezamento do passado, surge como um processo de construção sobre este e mais do que uma simples construção pessoal é um labor colectivo. A mitificação do passado é um processo de (re)construção identitária, colectiva, que visa manter e reproduzir uma determinada imagem-memória da comunidade.

Exaltam-se as “saudades” (JF), a “pena” (CR) de um “tempo muito bom” (CR), acentua-se como “aquilo era bonito” (AA) e, em termos gerais, conclui-se o processo narrativo desta forma, “passou-se muito. Mas às vezes ainda tenho pena daquele tempo” (RG), produzindo um encerramento positivo da descrição biográfica sobre um tempo que foi mau mas também foi bom, pois encerrou em si o ciclo da juventude, do casamento, do nascimento dos filhos e de uma série de experiências significativas em termos pessoais e colectivos. Por outro lado, devido à avançada idade destas mulheres e consequente perda de autonomia pessoal, por motivos de debilitação física e mental, a perda de um lugar activo e autónomo no seio da família e da comunidade em geral produz a necessidade de convocar outros tempos que, apesar de caracterizados por uma série de condicionalismos negativos, se constituem como centrais na identidade profissional, social e familiar das operárias entrevistadas. Os próprios comportamentos reivindicativos são, por vezes, associados ao ciclo de vida: “*O que faz isto é a idade. A idade faz muita coisa. (...) Não se pensa.*” (JF).

28. Luzia, M. Ângela (1994/96) *A Memória, A Cidade e o Rio*, dissertação de mestrado em Museologia e Património, UNL-FCSH (policopiado).

No decurso do seu trabalho, Ângela Luzia²⁸ encontra igualmente sentimentos saudosistas, neste caso centrando-se no passado de prosperidade industrial. A autora chama particularmente a atenção, para o processo de transmissão da memória colectiva às segundas gerações, trabalhadores maioritariamente do sector terciário, que não partilham do mesmo sentido de comunidade e classe dos seus pais ou avós, pois a comunidade operária perdeu em Almada, nas últimas décadas, protagonismo num palco onde detinha posição hegemónica. Como refere a autora,

Hoje em dia o enunciado desta condição operária é referenciado no passado, uma vez que os maiores complexos fabris do concelho faliram, acabaram ou estão decadentes. É com nostalgia que se recorda “quando tudo isto era um movimento, tudo a funcionar”, em memória de um protagonismo hoje suplantado pelo terciário, sempre com a preocupação de que esta memória perdure nos mais novos, por via familiar e da escola. (Luzia, op. cit., 69).

As comparações de carácter negativo com o presente assentam, no âmbito laboral, sobre a ideia de rigor e austeridade. Este tipo de processo comparativo não foi incitado no processo de recolha dos testemunhos, surgiu de forma autónoma e reduz-se essencialmente a uma apreciação crítica sobre desempenhos profissionais, estilos de vida e atitudes morais dos adolescentes e jovens adultos do presente: “*Esta gente nova, esta criação agora, sabem lá o que é sacrifício. O que foi sacrifício.*” (EC); “*Nós próprias tínhamos brio naquilo que fazíamos e vestíamos. Enfim, tínhamos brio nas coisas, não é como agora.*” (EG).

Uma outra dimensão deste processo, relaciona-se com os discursos de mitificação em torno dos corticeiros, expoente máximo da resistência operária no concelho, revelando uma construção de memória colectiva em torno do desempenho reivindicativo de uma das famílias operárias mais numerosas e importantes da zona. Não se pretende diminuir em termos expressivos o merecido protagonismo que esta classe profissional teve²⁹; existiram inúmeras ocasiões em que os corticeiros se destacaram de facto pela sua capacidade organizativa e de reivindicação que os tornaram no ícone da resistência operária em Almada. Cada corticeiro ou corticeira converteu-se assim também num símbolo vivo que encarna valores e comportamentos que vão para além da sua própria individualidade. Encontrando-se esta retórica de promoção dos corticeiros a grupo de elite no seio da comunidade local disseminada em diferentes discursos, tanto académicos como locais, tendo-se tornado uma referência de autoridade para a comunidade quando se trata de evocar acontecimentos do passado, principalmente se o fio condutor dessa evocação forem as questões ligadas à resistência operária.

Neste caso esta aura reivindicativa tanto é assumida pelos próprios como imputada e reproduzida a partir de fora pois as identidades grupais sofrem caracterizações de ordem externa, possuindo os grupos identidades públicas que podem, ou não, corresponder aos enunciados de caracterização interna ou à imagem que o grupo quer projectar no exterior. A relação entre exterior e interior é interdependente, influenciando-se e confrontando-se mutuamente. Assim, algumas memórias e reconstruções sobre o desempenho das mulheres corticeiras, provavelmente engrandecidas - *“essa mulher deu uma carga de pancadaria a um polícia em frente à Incrível que o pôs a pão e laranjas.”* (EL) - devem também ser lidas à luz de uma imagética colectiva que procura criar os seus heróis. Este processo corresponde às narrativas históricas, de carácter informal, produzidas pelas comunidades que, segundo Connerton³⁰, constituem um traço fundamental da memória destas, assegurando a preservação de uma identidade colectiva para além do espaço e tempo histórico em que se ancoram os seus traços essenciais. Projectando-se esta, de variadíssimas formas, nos interlocutores que encontra ao longo do tempo e dos espaços que percorre e onde os investigadores se tornam também frequentemente mediadores e mesmo instigadores dos discursos, associando-se ao processo, fixando-o e devolvendo-o, em suportes vários, associando-se inexoravelmente a esta comunidade de memória.

Conclusão

No início deste texto percorreu-se brevemente alguns contributos teóricos sobre a possível relação entre género e memória, questionando-se especificamente “a percepção feminina do passado”.

No exemplo etnográfico descrito no que diz respeito à construção de uma memória de género, a diferença mais marcante nos discursos entre operários e operárias, encontra-se no seu conteúdo. Ou seja, exceptuando os factos colectivamente lembrados e que dizem respeito em grande parte a momentos públicos de excepção, as memórias dirigem-se para a evocação de espaços e acontecimentos diferentes, marcados pela segregação de género: a casa, a rua e a fábrica eram vividas de forma diferente pelas mulheres e homens operários. Assim, em termos individuais, as memórias que correm nos interstícios do tecido social, possuem configurações de género resultantes de processos de socialização diferenciados e de estruturas de poder contextuais.

Conclui-se assim que a análise sobre memória e género não deve estar apartada da variável da classe e dos regimes de poder, já que as configurações de género encontram-se dependentes das diferentes classes sociais em que se integram e dos

29. Como sumariamente apresenta Ângela Luzia, “foram os corticeiros quem criou tradições associativas mais fortes, quem participou activamente em práticas políticas e sindicais, fundou títulos de imprensa própria e donde emergiram alguns líderes conceituados no movimento operário nacional.” (Luzia, op. cit., 68).

30. Connerton, Paul (1989) (1993) *Como as Sociedades Recordam*, Oeiras, Celta.

regimes de poder que as regulam. Assim as condições em que as operárias de Almada construíram e desenvolveram as suas vivências quotidianas, universos familiares e laborais e a construção e transmissão de um discurso memorabilístico, são fruto tanto da sua acção, *praxis* individual, como das relações de poder e das estruturas hierárquicas que as circundavam e a circundam, sendo estas histórica, social e culturalmente produzidas. Nesse âmbito, inscreve-se e (re)escreve-se a história individual e colectiva e nesta espelha-se tanto a incorporação da hegemonia ideológica promulgada pelo Estado Novo, no que diz respeito à configuração de um modelo feminino de ser e estar, como os discursos contra-hegemonicos que nascem das experiências materiais e quotidianas de classe, visível na produção de discursos sobre o passado e o presente onde se evocam memórias e se moldam identidades no labor da construção do colectivo operário.